

# RODOLFO TEÓFILO

JOSE WALDO RIBEIRO RAMOS

Nunca é tarde demais para se tributar publicamente um preito de justa e merecida gratidão à memória de um grande homem, que foi em vida, pela excelência de seu caráter, pela cultura variada e sólida que adquiriu, pela nobreza de seus sentimentos, pela independência de suas ações, o mais justo orgulho de um povo e é, depois de morto, a mais legítima expressão de sua glória, um nome tutelar da Pátria.

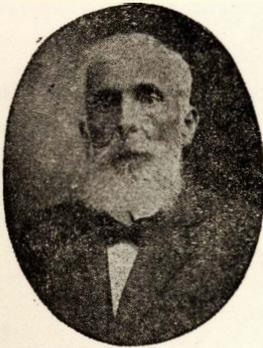
Se entre nós alguém se pode apresentar com essas credenciais ao julgamento da posteridade, esse é Rodolfo Teófilo um desses raros espécimens de nossa raça um desses homens extraordinários que morrem, mas deixam centelhas

vivas de sua alma, crepitando e ardendo na alma das gerações que os sucedem.

A Academia de Letras do Ceará, nesta homenagem singela, como a reclama a modéstia sem afetação e sem vaidade na qual se acrisolou, como numa fortaleza, durante toda a sua existência, o decano de nossas letras, cumpre um dever sagrado que é, ao mesmo tempo, uma glorificação às virtudes excelsas ao mérito inconfundível e ao talento aprimorado de um grande brasileiro.

Uma estátua que lhe mandasse erigir o Ceará esculpida no mármore precioso de Paros ou de Tanagra, não seria ainda a expressão mais eloquente da gratidão desta terra de Tântalo, que ele amou e serviu com abnegação e desprendimento, sentindo com ela os seus momentos fugidios de expansão jubilosa como os transe dolorosos de seu martírio secular.

Ainda mesmo que o tempo, que se não detém nem diante do mármore das lousas, fizesse esmaecer a projeção luminosa desse espírito de escóla, na vida desta terra nobre, que lhe abriu o selo no derradeiro sono — o coração do povo cearense, dentro do qual se erigiu um monumento a Rodolfo Teófilo — tê-lo-ia



sempre lembrado com exaltação, tôdas as vêzes que, do âmago dos sertões, se deslocassem as caravanas da fome, pelos intérminos caminhos, rumo das praias, tôdas as vêzes que chegasse aos nossos, ouvidos, a canção do desespero que o vento tange na harpa eólia dos carnaubais.

E, então, uma população inteira, que o conheceu de perto, o viu transitar por estas ruas ou pelo, menos leu uma página só dos livros que publicou, focalizando a natureza e o homem, o ambiente e a raça, as causas dos males que nos afligem e os meios de removê-los, proclamará bem alto o nome do cidadão benemérito, que morreu octogenário, apresentando-o como a encarnação verdadeira do patriotismo, porque tôda a sua vida laboriosa e fecunda foi um anseio perene pela felicidade dêste povo e grandeza desta terra, que, orgulhosa de seus exemplos, se ajoelha agradecida diante de seu túmulo.

\*

\* \*

Num século de vaidades insensatas e falsos preconceitos, em que opera com desassombro e de viseira erguida a mediocridade ousada, em que se afastam para segundo plano valores definidos, para abraçar com entusiasmos expansivos nulidades enfatuadas, que alardeiam virtudes que não possuem, constituem raríssimas e admiráveis exceções, homens da estatura moral do grande morto, a quem a Academia de Letras do Ceará rende, nesta hora e pela minha palavra, seu culto de veneração e profunda saudade.

Rodolfo Teófilo é a maior dessas exceções. Produto de sua própria vontade, vencendo com passos firmes e resolutos um caminho abrolhado de dificuldades de tôda espécie à mercê da adversidade caprichosa, que desde cedo o acompanhou pela vida como uma sombra, não teve para ampará-lo na ascensão aos cimos que atingiu, nem o auxílio de energias propulsoras, que a suavizasse nem a influência de um prestígio político ou de riquezas que o colocassem em situação privilegiada. Pelo contrário, tudo o que foi, tudo o que conseguiu ser, deveu-o exclusivamente à grande capacidade de trabalho que o distinguiu do comum dos homens, aliada a uma inteligência vigorosa, a um espírito forte, penetrante e arguto, que aceitava a luta por quaisquer prismas que se lhe oferecesse, considerando a vitória como a derrota méras consequências naturais daquela, mantendo por isto a serenidade de um verdadeiro apóstolo, que todos lhe reconheciamos nunca envaidecido quando vencedor nem humilhando quando vencido. Essa superioridade moral, essa altivez desassomburada com que se empenhava na defesa de seus ideais, na execução de múltiplos projetos, quer como homem de sociedade, quer como homem de letras, definem bem o seu temperamento, as suas tendências, as suas aptidões e lhe asseguram lugar em evidência entre os mais notáveis filhos do Ceará.

A pobreza honrada que lhe transmitiram os progenitores foi a única herança duradoura que teve, porque o acompanhou até a morte e foi a causa que maior

influência exerceu no ânimo de Rodolfo Teófilo, para quem o interesse de si próprio valla menos que o bem estar dos párias da humanidade.

O berço traçou a diretriz de que nunca se afastara na vida. Inclinou-se, destarte, pela causa dos infelizes, para os que não tiveram carinhos da fortuna e amou a solidão; para êle era perfeita a fórmula de Ibsen — o homem mais feliz do mundo é o que vive mais só — e foi assim que evitou o contacto das rodas aristocráticas e das casas ricas, para ficar com aquêles a quem sabia amar e compreender e cuja epopéia de sofrimento celebrou nos seus livros, preferindo a paz rústica da choupana, ao ambiente fidalgo daquelas, onde os passos se perdem na maciez dos tapêtes.

Provações e reveses experimentados desde quando ainda criança se fêz homem plasmaram êsse magnânimo coração, êsse grande espírito tão chelo de bonbade, tão chelo de sonho. "Entreí na vida sofrendo, no-lo afirma êle próprio. A custa de um esforço supremo, conseguí sair do rol dos desclassificados. O que mais temi na vida foi ser inútil. Cheguei a ser velho sem ter ódios nem ambições. Logo que deixei de ser um anônimo, vinguei-me dos homens, trabalhando pelos que sofrem. Na minha ânsia de fazer bem, torturava-me a idéia de minha escassez de recursos, que mal daria para aliviar as dores de um limitado número de infelizes".

Bela e nobre vingança a que se prepara pesquisando melos de minorar as dores alheias, a que se fortalece no amor para enxugar as lágrimas dos que choram, a que se apola na humildade para sentir de mais perto as pulsações desordenadas de aflitivos corações! Soube cumprir a promessa que a si mesmo fizera. Sua obra de coração é dessas que se não podem pagar porque, dia a dia, crescem na perenidade do tempo. Nem um ato de sua vida pública deixou de visar à felicidade do Ceará e tudo o que fazia desinteressadamente, sem aguardar recompensa. Homem simples nos hábitos, de princípios austéros e sinceros propósitos, firmou-se na crença de que seria útil a si mesmo e teria preenchido sua finalidade social, abdicando de quaisquer prerrogativas que lhe pudessem criar invejável situação entre os seus conterrâneos, em benefício das populações sofredoras do torrão querido. Fortuna, tê-la-ia feito, se alguma cousa pretendesse para si, além do conforto modesto, da tranquilidade humilde, do sossegado retiro de sua residência do Benfica.

Rodolfo Teófilo tinha orgulho de ser cearense. Não obstante as injustiças com que fôra constantemente premlada sua dedicação pela nossa sorte, pelo nosso futuro, no seu grande coração não havia lugar para o ódio. Sofria e perdoava tudo por amor da terra mártir a quem dera as melhores energias da mocidade e por quem trabalhara uma existência inteira.

"As injustiças do mundo foram tantas, afirma, que me habituaram a não levar a sério o senso crítico dos homens. Não direi que sou melhor do que êstes, o que não quero é parecer-me com a maloria dêles. Fui sempre um incompreendido, até para os meus íntimos".

Por todos os melos possíveis foi Rodolfo Teófilo hostilizado e combatido, no

Ceará, e tantas e tamanhas injustiças, que aniquillarlam outro homem, sòmente contribuíram para enraizar com profundeza o seu amor à terra, que ia ao extremo de observá-la carinhosamente, nas menores minúcias, no falar do povo, nos costumes simples da roça, nos usos tradicionais, nas festas populares onde culmina o ardor da alma cabocla de nossa gente. Nada escapava à argúcia penetrante daquele severo olhar de psicólogo. O Ceará, grande, rico, economicamente independente, considerado pela sua capacidade produtora e mentalidade triunfante de seus filhos era-lhe uma obsessão constante.

Mas, enquanto escrevia livros de valor, estudando as nossas condições físicas, o solo, a agricultura, as sêcas e suas causas, os melos de corrigir a natureza, os elementos de que lançou mão para libertá-lo dos frequentes assaltos com que a variola dizimava os sobreviventes das intempéries, constituiria no Ceará inimigos rancorosos, que não poupavam ensejos de ferí-lo, apontando-o até como estrangeiro numa pátria que o seu coração elegera por sua. Surgiram dúvidas sôbre se êle era ou não filho desta encantadora terra tabajara. Afirmavam uns que era baiano, outros que era cearense, nascido nas fraldas da serra de Aratanha.

Quem compulse tóda a obra volumosa de Rodolfo Teófilo convencer-se-á sem sacrifício de que êle é o mais cearense dos cearenses. Tudo nela é nosso: o material e o sentimento. O cenário é cearense, a paisagem é a do Ceará, desde o litoral ao sertão, os tipos centrais de seus melhores romances — o cangaceiro, o paroara, o retrante — são legitimamente cearenses.

Com a sinceridade tantas vêzes rude de suas atitudes, um dia, de público, explicou Rodolfo Teófilo o fato, respondendo a uma carta do escritor baiano Afonso Costa, que o reclamava como legítima glória do berço de Castro Alves. E, ainda uma vez, teve o grande brasileiro oportunidade de proclamar o seu amor à terra em que viveu desde criança.

“Estou identificado com esta terra mártir, dizia. A ela dei tóda a minha mocidade, os melhores dias de minha vida e continuo a dar os dias cansados de minha velhice. Cantei as suas glórias e chorei as suas desventuras. Nos meus livros reflete-se o desmedido amor que lhe voto. Todos êles falam nela. Quanto mais infeliz é, mais a amo. Eu podia mentir-lhe, optando pela Bahia, o berço adorado de minha mãe, terra opulenta, e abandonar o Ceará, que é paupérrimo. O meu caso é o do filho que foi separado de sua mãe ao nascer e criado por outra mulher. Adulto, soube que sua mãe verdadeira era opulenta e que o chamava. Preferiu ficar com sua mãe de criação, paupérrima e infeliz. Como arrancar as profundas raízes do amor à terra que o criou? Extirpá-las seria uma crueldade, seria matar a vetusta árvore. Nasci baiano por um acidente; mas de coração sou todo cearense, como nenhum será mais do que eu”.

Há na vida de todo homem fatos cuja memória se não extingue nunca. Tal é êsse de Rodolfo Teófilo que, reclamado pela intelectualidade baiana, orgulhosa de contá-lo entre os máximos expoentes de sua literatura, apenas acidentalmente, devendo à Bahia ter nascido sob a cúpula azul dos céus, mas vivendo desde criança no Ceará aqui formando sua mentalidade, aqui constituindo o lar, no

seio da família cearense, dando-se todo — cérebro e coração — a estudos de sérios problemas de nossa vida, trabalhador, abnegado, magnânimo e, por isto mesmo, mal compreendido e hostilizado — prefere a pátria adotiva, a pátria do coração, à terra do berço que lhe acenava de longe.

Mais nobre que o guerreiro de Zama, maior que ele, Rodolfo Teófilo quis que a terra do sofrimento guardasse-lhe os despojos mortais...

Amou o Ceará com tôdas as forças de seu grande coração. Prova-o de sobejo a preocupação constante em que se absorveu, durante a vida, de distribuir benefícios por toda a parte, no seio de uma população considerável, de quem muitas vezes recebera apupos e críticas acerbas e nunca a recompensa que mereciam seus altos serviços.

Dias difíceis, tristemente célebres na história de nosso infortúnio, viveu o Ceará de 77 a 79. A seca destruiu as searas e dizimara os rebanhos. O braseiro implacável do sol crestara a cabeleira verde da meta, proibindo-nos o conforto de uma sombra. Os caminhos se estendem intermináveis. Hordas famintas arrastam-se por eles, deixando às margens, aqui e além, em forma de cruz, galhos entrelaçados que assinalam a parada final de um emigrante e, impressas na areia, pegadas de sangue...

Naquelas paragens, longe do socorro humano, recorrem os desgraçados à alimentação de raízes silvestres para saciar a fome e a sede. Rodolfo Teófilo, testemunha ocular de tamanhos estragos na população cearense, atribuídos à intoxicação pela fécula de mucunã, que aprenderam a usar por uma experiência de séculos e que tem custado milhares de vidas, propõe-se, com estudar as qualidades nutritivas e altamente tóxicas dessa família vegetal, insinuar um processo de prepará-la para que servisse como alimento inocente, sem prejudicar as funções orgânicas, perturbando-as a ponto de causar a morte. Infelizmente seu esforço não teve correspondência da parte dos poderes públicos do país, e ele mesmo confessa ter-se dirigido ao Laboratório de Análises, no Rio de Janeiro, que lhe não respondeu ao apêlo patriótico.

Conquanto decepcionado com os homens públicos de sua terra, o seu exaltado patriotismo falou mais alto que qualquer sentimento de despeito e, antes, preferiu deixar a meio uma pesquisa duplamente importante, já porque ficasse cientificamente estudada essa planta selvagem, já porque se conhecesse seu valor nutritivo, a pedir auxílio de qualquer laboratório de outro país. Compulsou livros e autores, clássicos e modernos, cientistas nacionais e estrangeiros, Dr. Melo Moraes, Littré, De Candolle, Linneu, Dr. Caminhoá, Richard e outros, encontrando apenas assinalada a família da fatal leguminosa, sem nenhuma preocupação de demonstrar sua utilidade na economia humana.

Ninguém mais ousou outra tentativa. Rodolfo Teófilo, que acompanhava os retirantes naquela dolorosa via-cruis, percorrendo a pé ou a cavalo os arrabaldes pobres de Fortaleza, onde se aldeavam à sombra deliciosa dos cajueiros do litoral, ouviu de muitos deles a narração de suas viagens pelos caminhos ensolarados do sertão comburido, de uns que abençoavam a mucunã, de outros que a maldiziam.

Ouviu-os, e foi sob a impressão dessas cenas de miséria e de fome, em que o homem, perdendo a noção de qualquer sentimento de humanidade, torna-se uma fera, inconsciente, que nasceu no coração magnânimo deste apóstolo do bem a idéia de publicar as conclusões do seu estudo sobre esse esquisito espécimen vegetal, ao qual está reservado, como ele próprio afirmou, papel importante entre as populações famintas do vasto semi-deserto brasileiro. É curioso. A mucunã cresce aqui, como na Índia, com uma abundância extraordinária, não escolhendo terreno para medrar. Na montanha como nas várzeas, na serra como no sertão, enrola-se às árvores de maior estatura, haste volúvel, folhas trifoliadas, flores hermafroditas que caem em cachos viçosos, formando no alto lindos caramanchões, mas escondendo na terra vastas e numerosas raízes assassinas. Socorrem-se delas as caravanas de infelizes, sob os ardores do sol. "Nos caminhos, diz ele, as aguadas são difíceis e muito distantes umas das outras, a sede que é aumentada pela alimentação de mucunã e pelo sol quente fazia enlouquecer, se não fôsse mitigada pela própria mucunã, que a exaspera. Em toda parte se a encontra, costuma nascer, mercê de Deus, à beira dos caminhos, e quando as caravanas de emigrantes não podem mais caminhar à falta d'água, aproximam-se dela, deceparam a haste em duas partes, a água corre em abundância e saclam a sede".

Entre as mais belas páginas da vida de Rodolfo Teófilo sobressaem as dedicadas à campanha abolicionista, na qual se salientaram ao seu lado João Cordeiro, Antônio Bezerra, José do Amaral, Cruz Saldanha, José Albano Filho, João Carlos Jataí, Francisco do Nascimento e outros, que cerraram fileiras contra a instituição escravista, que, ainda nos nossos dias, avulta como a página mais negra de nossa história.

Na imprensa diária teve a coragem desassomburada de estigmatizar a incuria dos governos, o desprezo criminoso pelos máximos problemas da vida econômica do Estado, enquanto se engolfavam nas tricas políticas dos partidos em que se dividiam os cearenses. Preocupado com os males que dizimavam nossas populações e os vícios humanos para os quais pedia medidas repressivas, insinuando conselhos que lhe ministrava a experiência, empenhou-se ainda noutra campanha que merece aqui lembrar pela importância social de sua finalidade. Foi a campanha contra o alcoolismo. Rodolfo Teófilo produziu artigos de vulto, bem fundamentados, sobre esse veneno social, artigos mais tarde reunidos no seu livro "COBERTA DE TACOS", último trabalho cuja publicação assistiu. Creio, porém, que de todos os atos de benemerência que praticou, um só bastaria para imortalizá-lo e esse é a extinção da varíola no Ceará, que surge sempre, como um remate dantesco às nossas crises climáticas. Do que foi essa obra ciclópica, do que vale esse esforço ingente, dão-nos eloquente testemunha seus dois livros VARIOLA E VACINAÇÃO NO CEARÁ, farto e minucioso relatório em que narra o infortúnio de uma raça pertinaz e vigorosa, entregue ao seu próprio destino, dentro da pátria de origem, a qual, juntando num extremo esforço as últimas energias e esperanças, vai rematar o seu evangelho de dor nas selvas sombrias do maravilhoso país das pedras verdes...

A variola alastrava-se no Ceará, das praias ao sertão. Ao desastre da seca sucedia o desastre da peste. As estatísticas de mortalidade denunciavam cifras assustadoras. Num só dia, na capital, sucumbiam mil e quatro variolosos. Fortaleza, transformada num lazareto, era a cidade da morte. A sombra dos cajueiros, nos arrabaldes, num lazareto, era a cidade da morte. A sombra dos cajueiros, nos arrabaldes, nas artérias mais centrais da cidade, apodreciam cadáveres, ao relento da noite, banhados na luz mortiça dos lampeões, no empedramento das ruas. Nessa época, ainda muito moço, desenvolveu Rodolfo Teófilo espantosa atividade e, daí por diante, em todos os momentos de aflição, encontrou-o o Ceará sempre pronto, sempre abnegado, sempre disposto a dar, pela sua terra e pela sua gente, as melhores energias. No primeiro ano deste século, uma seca tremenda assolou o Ceará, de onde Rodolfo Teófilo se achava ausente, na Bahia. Daqui chegavam-lhe notícias aterradoras.

“Voltando à Fortaleza, diz êle, encontrei a cidade em um estado lastimoso. O que vi não era o descaso dos mais rudimentares preceitos de higiene pública: era uma afronta à saúde pública. Variolosos apodreciam em vida dentro de redes armadas nas árvores das praças! Não parecia uma cidade habitada por gente civilizada. O momento era o mais oportuno para pôr-me em campo e dar combate à mais asquerosa das enfermidades.

Em 1º de Janeiro de 1901, inaugurei o vacinôgênio, que tinha como empregados eu, minha mulher e um criado. A luta começou. Eu preparava a vacina e ia pelos subúrbios, de casa em casa, de palhoça em palhoça, levar o profilático da variola.

Os primeiros tempos foram amargos. Tive de lutar com a obstinação do povo, que fugia de mim, aterrado, como se eu fosse a própria peste: Como me magoaram os primeiros botes da ignorância!... Conhecendo de perto o nosso povo, sabia da paixão que tem pelo maravilhoso e, aproveitando-me desta qualidade, contava lendas, inventava histórias de reinos encantados, anjos que desclam do céu e acabavam a peste vacinando as gentes.

Ia, assim, vencendo a repugnância dos ignorantes e, quando a retórica falhava, valia-me do dinheiro e este, então, vencía todos os obstáculos.

É assim que êle próprio nos fala no seu livro CENAS E TIPOS, no capítulo em que explica porque se fizera industrial. Pelo órgão da imprensa oficial manifestava-se a vontade truculenta dos políticos situacionistas, que, por todos os meios, faziam estreitar o círculo dentro do qual operava o filantropo, promovendo contra este uma guerra desumana e incutindo no espírito atormentado das populações ignorantes, vítimas da seca e vítimas da peste, que se não submetessem à vacinação de Rodolfo Teófilo, porque ela era nociva e conduzia fatalmente à morte.

A sua organização combativa não comportava desfalecimento, iniciada a luta não sabia retroceder. Nessa emergência valeu-se da reputação nacional do sábio bacteriólogo de Manguinhos, submetendo a vacina a meticoloso exame, do qual resultou plena aprovação, triunfando, destarte, eloquentemente dos inimi-

gos que recorreram a outros melos, infringindo-lhe novos vexames, aflim de punilo pelo crime de ser oposicionista aos credos políticos do momento. Mas a prepotência do poder, a antipatia ou odiosidade dos chefes de Estado, não diminuí nem abate a estatura moral de um homem de bem, que prefere aceitar a luta aberta, ás claras, como quem forja o ferro, à comodidade de posições em evidência, na razão direta de suas cortesias e, acima dos seus interesses de família, coloca o interesse da coletividade social e por ela se sacrifica. Era assim Rodolfo Teófilo. Na organização psíquica dêsse homem extraordinário, havia qualquer cousa de Pasteur e S. Vicente de Paulo, cujas vidas lera e meditara, cujos retratos tinha-os sôbre a mesa de trabalho e por quem nutria uma veneração profunda, uma quase idolatria. Não compreendia separadas a ciência e a fé. Cria nestas duas forças residir a causa essencial, a razão de ser da vida. Uma completava a outra. Do sábio e do santo ficaram-lhe nalma traços indelévels — uma serenidade evangélica diante do sofrimento, uma preocupação infinita com as misérias humanas, um desprendimento de sí mesmo que só o podem possuir os eietos, uma superioridade sem orgulho que só a podem ter os predestinados, manifestando-se por essas duas expressões, mais que humanas, quase divinas — amor e caridade.

O jornal levava por tôda a área do território pestilenciado graves e perversas acusações ao vulto venerando do apóstolo, que, não obstante esperar repulsa da parte daqueles que deveriam, de joelhos, render graças aos céus de terem ainda encontrado naquele ambiente angustioso um coração puro, em cujos reflexos iam ecoar os gritos de sua dor, não obstante a desconfiança com que era acolhido, quando assomava à porta de uma casa, nas vilas ou nas fazendas, pedia mansamente, sorrindo, olhar franco, gestos largos, ao chefe da família permissão para imunizá-los contra o terrível mal.

Muitas vêzes, frente a frente, rœcebia, com a negativa do consentimento, palavras descorteses e insultuosas, que lhe caíam nalma com a frieza de uma lâmina de estilete, que êle sentia e nunca revelava a ninguém.

Diante do terror ou prevenção do campônio, desprezando a ofensa, nascida da ignorância, sorria. E, assim, todos os dias, ao sol, perseguido pelos inimigos, sem auxílio de qualquer pessoa, sôzinho, a barba ao vento, o olhar perscrutando em tórno, a caixa de medicamentos cuidadosamente prêsa ao arção da sela, lá ia o vacinador, aqui e além, ao Jacarecanga, à Aldeota, ao morro do Moinho, ao Croatá, ao Alto da Balança, apeando-se à porta de cada casabre, demorando com um velho, sorrindo a uma criança, entabulando conversa, contando anedotas, criando lendas, vacinando, salvando vidas...

Nos dias que vivemos, ante o egoísmo insofrido dos que nos cercam, já seria impossível tanta abnegação e tanta altivez.

Rodolfo Teófilo tornou-se, assim, uma figura lendária.

“E foi, então, quando, diz Humberto de Campos, segundo se contava no sertão, Rodolfo Teófilo inventou uma linda história cristã, que teria repetido mil vêzes, nos terreiros das cabanas e nos alpendres das casas de campo. Mais tarde,

êle contestou, em carta que me escreveu, a paternidade do conto. A defesa foi, porém, tão frágil que me pareceu uma confirmação.

— Há muitos anos — começava — foi uma grande cidade, capital de um grande reino, atacada pelas bexigas, que mataram quase toda a população. Dentro de pouco tempo estava a cidade quase deserta. Quem não morreu, fugiu, abandonando casas, fazendas, riquezas tudo. Havla, entretanto, entre o povo, um homem muito bom, que, tendo já perdido todos os parentes, resolveu deixar a terra empestada. Arrumou a sua roupa e partiu. Assim, porém, que chegou fora da cidade, encontrou-se com uma mulher muito formosa, que puxava uma vaca toda preta, seguida de um bezerrinho alvo como algodão. A mulher, ao vê-lo, perguntou-lhe porque fugia. Como êle lhe explicasse, ela lhe pôs a mão ao ombro e disse: — Não tenhas medo, meu filho. Volta à cidade com esta vaca e êste bezerrinho. Quando chegares lá, tira uma gôta de seu leite e, com êle, faze três cruces em cada braço, em tôdas as pessoas que se quiserem salvar. Tôda aquela em quem fizeres isso não será atacada pela peste. Ai, a mulher, que não era outra senão Nossa Senhora, desapareceu, enquanto que o fugitivo regressava ao ponto de partida, onde fêz o que lhe havia dito e salvou todo o resto do povo. Essa vaquinha — acrescentava o narrador, teve depois outras crias, e é do sangue e do leite delas que eu trago algumas gotas, para salvar das bexigas os que são filhos de Nossa Senhora”.

Foi desta maneira, meus senhores, locupletando-se da ignorância e rusticidade dos pobres camponeses, incitando-lhes o sentimento de religiosidade e quase fanatismo que os empolga, diante de cuja invocação não há resistência a temer, que Rodolfo Teófilo conseguiu extinguir a varíola no Ceará, que sempre depois de cada sêca vinha completar a obra de destruição a que a fatalidade nos condenára. Ainda não nos foi permitido resolver o problema da sêca, que não é um problema regional, antes um problema nacional. De quando em vez assistimos à devastação dos campos cearenses, ao êxodo de nossa população, que se desloca para todo o país, para o norte, para o sul, quando a terra e o céu se colgam para nos martirizar e impassíveis assistem aos clamores da miséria e da fome.

A emigração cearense é uma fatalidade histórica, é o nomadismo espontâneo que estua na alma impetuosa e ardente do caboclo nordestino. Acossados, porém, pela peste, já não emigramos mais. E essa obra profundamente humana, que competia ao Estado ou à Nação devêmo-la a êsse ancião venerando, que hoje é morto e ante o túmulo do qual é justo desapareçam os sentimentos de ódio, gerados da inveja e do despeito, para que todo o Ceará, todo o Brasil, unanimemente, exalce o nome de seu grande filho, cujo apostolado de benemerência, avulta na gratidão imorredoura da Pátria.

\*

\* \*

Era, assim, o homem em função da sociedade. Não se pertencia, porque se cdera à terra sofredora. Apesar, porém, da dinamização de suas energias, dos mistérios diferentes em que se empenhava, havia nessa organização privilegiada uma faceta notável, rara nesta hora vertiginosa que vivemos. É que Rodolfo Teófilo era um temperamento sentimental. O seu altruísmo era em dose bem acentuada, e que resultava alhear-se de si mesmo, renunciando cuidados e cômodos à sua pessoa.

Coisa estranha é, meus senhores, a operação moral por que passou o coração sensibillíssimo desse homem, tão castigado de necessidades desde os verdes anos, senão verdadeiramente precária, todavia bem difíceis, a par de embaraçosas situações que se lhe antolharam.

Como explicar essa bondade, esse desprendimento, essa renúncia de bem-estar, que ninguém mais do que ele poderia adquirir para, ao invés disto, manter-se numa mediania com que facilitar a prática de atos generosos, conforme as sollicitações de seu grande coração, cujos estos eram nobres e fidalgos!

Tanto mais complicada se me afigura a psicologia desse santo varão quanto é certo que de modo inteiramente oposto teria sido compelido a atuar em face das exigências quase invencíveis do meio físico e social em que, na vida, cresceu, agiu e se formou. Tudo isso haveria de refletir fatalmente, como num espelho, na sua personalidade, pois que a mesma lei que rege a natureza rege da mesma sorte o homem, conforme nos sugere Humboldt. Em nós, cearenses, incide nas moléculas componentes do nosso ser o mesmo material da natureza que nos cinge de todos os lados, indo por sua vez essa base física da vida projetar-se nas nossas idéias, ações e pensamentos. Aquil o homem é como a natureza: instável, precário, às vèzes mesquinho e sempre egoísta. Raramente surgem nêlo os excessos ou profusão dádiosa, que, também de onde em onde surgem desse cortejo de lementos que se chama clima ou meio ambiente.

Quase todos os nossos atos de filantropia são acanhados ou falsos por praticados com segunda intenção de proveito próprio imediato e maior que o dispêndio em prol de alguém.

A natureza hostil dá-nos exemplo de frequente luta no campo das competições, travada ao lado de manobras vis, onde as virtudes cavalheirescas não assistem e se correm de tais prèllos cobertas de vexame.

A generosidade, a grandeza de ânimo, a sinceridade, a gratidão e até os poderosos laços de sangue que devem unir estritamente, tudo se afrouxa, tudo se rende ao interêsse pessoal, ao egoísmo. Sobre o nosso válido, porém, nada pesou a ação poderosa desse meio. Porque? Porque a formação de sua alma obedeceu ao método por que se aperfeiçoam os justos.

Não sei de ninguém em que melhor se ajuste, entre nós, a benemerência, a fineza exemplar, a renúncia de boa instalação na vida, coisa, de que, exclusivamente, se ocupam os sibaritas e egoístas, os a quem não comove a dor alheia.

Rodolfo Teófilo sensibilizava-se com as condições precárias dos seus semelhantes, com o mal estar da vida social e da nossa gente flagelada pela calamidade

climática, de modo que a sua grande obra literária é o refletor dessas vicissitudes.

O sofrimento dos cearenses não só teve em Rodolfo Teófilo o grande narrador, senão também um espontâneo sócio. Daqui a explicação da constante tristeza de que se carregava o seu rosto, onde se estampava um ar grave e digno de respeito, impresso pela estética da dor, que lhe suscitava a desventura alheia.

Não há, pois, exagêro nesses conceitos que bosquejo, porque tudo isso se colige através da obra literária, da obra social e da obra humana de Rodolfo Teófilo.

Na intimidade, afirmam os que privaram com êle, tinha extremos afetivos. Compreendia e adorava a espôsa; todos os seus pensamentos, tôdas as suas ações, todos os seus projetos, discutia com ela. Todos tinham sua colaboração eficiente, sua aprovação. Sob êste aspecto, há uma certa afinidade com Machado de Assis. Ambos foram casados, tiveram no santuário do lar o verdadeiro encanto da vida e também a causa da aniquilladora tristeza, senão aniquilladora saudade sob a qual sucumbiram.

Como Machado de Assis, o escritor cearense não teve filhos e a morte da espôsa veio amargurar-lhe os últimos tempos, retendo-o sempre em casa, naquelas mesmas salas, em presença dos mesmos objetos que foram de sua predileção. O lar despovoado, ermo de afeições, vazio de carinhos, sem a música daquela voz que tantas vêzes o estimulara em momentos de indecisão e o fortalecera em horas de fraqueza, mais desoladora tornava a existência de Rodolfo Teófilo, a quem restava, no ocaso da vida, o supremo consôlo de morrer. Não mais saíra à rua: a saudade da espôsa querida que se partira e a velhice consumiam-no lentamente. E, entre os livros, ora numa espreguiçadeira, ora numa rêde, no gabinete, onde trabalhou até a última hora com a resignação dos que se preparam para a morte e esperam-na sem receios, convictos de que na vida terrena cumpriram seu dever, passou o grande cearense os poucos anos de viuvez, frequentado pelos íntimos e venerado como uma legítima tradição da terra. Quantas vêzes, embalado por essa doce e amarga saudade da companheira de longos anos, quantas vêzes, quem sabe? num murmúrio de prece, não teria repetido como o magistral romancista de BRAZ CUBAS:

Querida, ao pé do leito derradeiro  
Em que descansas dessa longa vida,  
Aqui venho e virei, pobre querida,  
Trazer-te o coração do companheiro.

Pulsa-lhe aquêlo afeto verdadeiro  
Que, a despeito de tôda a humana lida,  
Fêz a nossa existência apetecida  
E num recanto pôs um mundo inteiro.

Trago-te flores — restos arrancados  
Da terra que nos viu passar unidos  
E ora mortos nos deixa e separados,

Que eu, se tenho nos olhos mal feridos  
Pensamentos de vida formulados,  
São pensamentos idos e vividos.

\*

\* \*

A obra de inteligência de Rodolfo Teófilo projeta-se na vida intelectual do Ceará ou do Brasil, com o mesmo vulto e fulgor de sua obra de coração, em nossa vida social.

O literato não é inferior ao filantropo. Afirma-se sua individualidade de homem de letras por um notável espólio científico literário, que orça por mais de três dezenas de livros, opúsculos e monografias, em que ficaram bem caracterizadas as qualidades do escritor, no romance, no conto, na novela, no folclore, na crônica, na história e até na poesia.

Militando no Ceará, fazendo aqui profissão das letras, é o nosso mais fecundo escritor e o único a quem o indiferentismo apático do meio não fêz esmorecer a pena gloriosa a que devemos páginas brilhantes e imortais.

Iniciando-se desde cedo nas letras, revelou qualidades apreciáveis que deveriam sagrá-lo, no consenso da crítica nacional, um escritor vigoroso, e o mesmo ânimo com que escreveu seus primeiros ensaios, apesar de ataques soezes com que tantas vezes o alvejaram, soube conservar até as últimas composições.

Foi na ambiência espiritualmente elevada dessa famosa sociedade de letras — a Padaria Espiritual — que há quase meio século congregava os mais robustos talentos do Ceará, Sabino Batista, Antonio Sales, Cobral de Alencar, Artur Teófilo, Roberto de Alencar, Antonio de Castro, Lopes Filho, Antonio Bezerra, José Nava, Almeida Braga, José Carlos Junior e outros, a qual assinala, na história de nossa evolução mental, um dos mais luminosos períodos, o ponto culminante do regionalismo provinciano, que se formou a individualidade literária de Rodolfo Teófilo, um dos maiores e dos mais operosos escritores brasileiros.

Riquíssima e opulenta imaginação, admirável talento criador, profunda penetração e intuição sócio-psicológica, raro poder de observação e fina sensibilidade, fôra injustiça negar-se ao grande romancista, não faltando às melhores criações de seu engenho vida, movimento, interesse no enredo e vivacidade na ação. Objetiva a cena com um largo descortínio, descendo muitas vezes a minudências que poderiam permanecer sem reparo, pormenoriza acontecimentos secundários em longas divagações que tornam a narrativa sem interesse e diminuem o brilho dos incidentes principais, das cenas em torno das quais tece com habilidade a intriga. A frase, entretanto, sai-lhe espontânea da pena: nenhuma tortura ao vasar no papel

o pensamento. Não reponta nêle, é verdade, a preocupação de ser um artista da forma, polindo, burlando o período com a ânsia dos que trabalham a língua, como o estatuário um bloco de mármore, no afã de produzir um esboço de plástica impecável. Daí notar-se na linguagem de Rodolfo Teófilo, um certo descuido, abuso ou impropriedade de expressões, uma certa liberdade em elaborar a frase, reinclindo frequentemente em construções sintáticas que não sanciona a ética linguística o que prejudica e afela a sua prosa considerada do ponto de vista do purismo clássico, tão ao sabor das mentalidades de elite.

A ausência desse sabor clássico, todavia, revela, na sua essência, um instinto criador e autônomo a prenunciar a definitiva libertação literária que brevemente iria dar novos aspectos e novas significações à literatura brasileira.

A paisagem desordenada e paradoxal da ambiência do norte influíra poderosamente na mentalidade do escritor e aquela simplicidade absoluta, que êle exigia da linguagem, de algum modo casava com a pouca complexidade psicológica do homem com que se defrontava.

Não obstante essa linguagem fácil e algo despreziosa, cuja leitura denuncia a espontaneidade de quem escreve ao correr da pena, Rodolfo Teófilo, mesmo com êsses defeitos — que os teria corrigido, se lhe tivesse sobrado lazar para rever sua obra literária, — é um grande artista, julgado pelo lado da emoção estética, da vida psicológica de alguns de seus tipos de romance e, ainda, e sobretudo, pela preocupação de escrever obra essencialmente humana. Assim ocorre na FOME, o seu primeiro romance. Há nesse livro, que é, por assim dizer, a epopéia magna do sofrimento secular da população martirizada do nordeste, rememorando episódios da sêca de 77, livro em que se condensa tôda a energia, tôda a bravura moral, tôda a resignação da alma cearense, páginas de um colorido nitido, de uma precisão e elegância inigualáveis, cenas comoventes e bem descritas, ao lado de divagações estéreis, diálogos imprecisos e desarticulados, linguagem técnica ou científica, que se não justifica posta à boca de um camponês, como o era um dos personagens do romance.

O próprio romancista julgava defeituoso o seu livro, que nem por isso deixa de ser um grande livro. Na primeira parte, descrevendo o meio físico, o campo ressequido, os carrascais desnudos, a tenacidade do homem cavando a terra em procura de um velo d'água ou decotando a folce as ramas dos juazelros para abastecer o rebanho dizimado, é de uma beleza e veracidade impecáveis. Poucos poderiam, como Rodolfo Teófilo, com tanta fidelidade reproduzir êsse quadro tantas vezes vivido sob a face metálica e polida do céu cearense.

Quem perlustrou os nossos sertões nesses períodos calamitosos, parou à casa de uma fazenda para descansar a montada ou repousar um pouco das fadigas nas longas travessias percorrendo caminhos angustos e poeirentos, batidos de um sol ardente e claro como um disco de brasa, pôde observar essa luta homérica e desigual entre o homem e a natureza. Não há exagêro nem excesso nesse livro. A FOME, apesar de tão maisnada por Adolfo Caminha, é, antes de tudo, um romance verdadeiro e sincero e por êsses títulos não perecerá.

Pode-se afirmar que a Rodolfo Teófilo repugnava o conceito baudelairiano da

arte pela arte. A humanidade, na sua expansão intrínseca e real, era o que principalmente lhe interessava e daí, talvez, as suas exigências estéticas, dando a sua arte uma finalidade interna, que era a de trazer perante o raciocínio, a plasticidade da emoção.

A arte de Rodolfo Teófilo era profundamente temperamental.

A paisagem, que no homem brasileiro torna-se influência predominante, segundo observa Graça Aranha, não absorveu totalmente o surto estético do criador.

Ao contrário, Rodolfo Teófilo trouxe para as suas páginas essa paisagem, tal qual era em si mesma, não na sua exuberância, mas na sua fisionomia sombria, variada, descontínua, quando natureza, e áspera e dura quando homem e vida a se debaterem numa luta heróica. A essa altura é que se pode notar a influência que ela exerceu nessa arte e nesse temperamento.

Quase todos os personagens de Rodolfo Teófilo são atores de um drama cuja intimidade está identificada com os profundos momentos da vida psicológica inconsciente, mas, em todos eles, é evidente a influência dessa paisagem que plasma o homem.

No seu excelente livro "OS BRILHANTES" em que procurou estudar o cangaceiro do nordeste, Rodolfo Teófilo pinta um homem cujos impulsos neuróticos se revelam nas contrações faciais.

Supera, aqui, ao melo a organização bio-psíquica, mas a anormalidade que até então não é anti-social, ressurgue transformada em ação, quando esse homem se defronta com as incríveis sugestões do melo. Destarte já não é o homem psicologicamente um agente de ações conscientemente elevadas.

O melo transformou a atividade em impulsos inferiores que mudavam em criminoso um homem de fundo verdadeiramente bom.

A impressão do homem e da paisagem deu, destarte, a Rodolfo Teófilo, aquela experiência penetrante que o tornou apto a perscrutar os obscuros segredos das emoções e dos instintos, como quando significavam os gestos inconscientes do homem face a um mundo que ele não compreende.

Todos os livros de Rodolfo Teófilo são sentidos e vividos. Tal é a penetração de espírito com que observa o ambiente dentro do qual se desenrolam os acontecimentos dramáticos de seus romances que, conquanto escrevendo obra de ficção, não sabe trair a verdade: com perícia de mestre e naturalidade, desenvolve a trama desses acontecimentos, de maneira a deixar, palpáveis, observações e fatos colhidos na vida real. É, pois, devido a essa extraordinária faculdade de observação que em todos os seus livros se nos deparam personagens tão habilmente delineados que se nos afiguram tipos de nossas relações, velhos conhecidos com quem diariamente nos detemos no comércio da vida. "O segredo do escritor consiste em levar-nos à reconstrução imediata do que observaram os seus olhos argutos e evocou a sua pena destra. O romance é um espelho da vida, porém nunca neste sentido estrito de reproduzidor servil das imagens que lhe passam em frente, e, sim, no sentido de traduzir a vida como foi ou pode

ser vivida em verdade, com as suas virtudes ou crimes, a sua alegria ou a sua tristeza.”

Rodolfo Teófilo conhecia muito bem esse segrêdo. Nos seus livros palpita intensamente, e em todos os seus aspectos, a vida rude da terra mártir; não como mera narração, inconsequente, mas interpretada em essência, fielmente. São as peripécias e episódios dolorosos das calamidades climáticas: os campos calcinados despídos de vegetação, sem água e sem rebanhos; arríbanas de cômlo à margem da estrada, invadidas pelo matagal bravio; a emigração para a Amazônia; o cangaceirismo que se desentranha da natureza, espontaneamente, como uma expressão brutal da energia bronca da raça ou a alegria do sertanejo, quando o azul se transmuda em lâminas de chumbo, e no horizonte as nuvens se acastelam, debuxando-lhe a perspectiva do céu mais belo do mundo; ou, ainda, a tristeza dos estílos prolongados que cái na alma do homem com a mesma intensidade das sombras crepusculares no viso das serranias.

O regionalismo é, pois, a feição mais nítida e característica na obra literária de Rodolfo Teófilo, que com justiça pode e deve figurar ao lado desse outro notável conterrâneo, Franklin Távora, reputado uma glória do romantismo nacional e o criador de uma literatura à parte, no Brasil — denominada com acêrto literatura do norte — por fixar e estudar tipos e costumes, o meo e o homem dessa imensa faixa semi-árida que, pelo seu facies peculiar e aspecto geo-mesológico, se destaca na continuidade geográfica do continente. Sobram razões ao estilista helênico de TERRA DO SOL, quando, na Academia Brasileira de Letras, fez o elogio do nosso grande romancista:

“Pioneiro do regionalismo, suas obras espalharam pelo Brasil inteiro o perfume selvático dos sertões nordestinos. Bateu a estrada que outros deveriam percorrer e foi um dos primeiros a fixar os tipos principais das duas epopéias do sertão: a que se processa pelas caatingas e carrascais em fora, com o heroísmo escandaloso dos cangaceiros, e a que se desenrola longe do meo nativo, no desbravamento das selvas amazônicas, com o silencioso heroísmo dos seringueiros. Assim, a obra do escritor se estende entre os dois polos dos BRILHANTES e do PAROARA”.

Houve tempo, com efeito, em que a Amazônia se tornara por assim dizer, o asilo dos cearenses: o ponto de convergência para onde afluía o caboclo, impellido impedido por duas forças imperiosas, a predestinação e a miséria. Lendas fabulosas embalavam-lhe o espírito aventureiro, tais as que amalgamaram a formidável epopéia dos bandeirantes. Na Amazônia o ouro repontava à margem de todos os rios, à flôr da terra e a natureza exúbere cingia o homem numa expressão fascinante e soberba de opulência tropical. Embrenhava-se nas matas seculares, sob essas cúpulas selvagens de verdura, e raramente voltava à terra do berço, empaludado, desiludido mais pobre do que fóra. O êxodo da raça tabajara, altiva e heróica, inspirou ao grande escritor um forte e vigoroso romance brasileiro, O PAROARA, que é, segundo Farias Brito, “talvez o livro mais trágico

e mais expressivo de Rodolfo Teófilo, mas, também, por isso mesmo, o mais verdadeiro e emocionante”.

Sem conhecer, todavia, a fantástica região do Inferno Verde, como aconteceu a Gastão Cruls, quase trinta anos depois, já em nossos dias escrevendo por informações, as páginas impressionantes da **AMAZÔNIA MISTERIOSA**, Rodolfo Teófilo, embora sob outro aspecto e com finalidade literária diferente, produziu uma obra de cenários amazônicos, profundamente verídica, contendo descrições autênticas, quadros de uma fidelidade absoluta na opinião de quantos têm per-lustrado aquêlo imenso trato da Pátria Brasileira. O **PAROARA** é a história dolorosa e verdadeira de um caboclo cearense, que, atraído pela Amazônia, preferiu a mata virgem aos campos de sua terra, ao silêncio remansoso de seu sertão nativo, a trepidação alucinante de uma natureza bravia, que a cada passo o enchia de terror e de surpresa, povoando de duendes os rios e os atalhos, ao canto estridente da graúna, poisada na ventarola da carnaúba, a música empolgante do uirapuru na eminência das samaumeiras...

Nesse livro publicado posteriormente à “**FOME**, aos “**BRILHANTES**”, **MARIA RITA**” e “**VIOLAÇÃO**”, apresenta-se-nos o escritor com a sua verdadeira feição de romancista. Não há, como no primeiro, por exemplo, essas longas e enfadonhas descrições que enredam e perdem o leitor numa tela complicada de divagações; a narrativa não perde o equilíbrio nem o aprumo na sucessiva graduação das cenas, conserva-se simples e espontânea, original por vezes; a ação se desenrola com toda a naturalidade; a vida épica do seringueiro, no seio daquela natureza desconhecida, surge com tal esplendor de colorido que só um espírito sensibíllissimo, como o de Rodolfo Teófilo, poderia descrevê-la impecavelmente, abrangendo-a nos seus grandes lances de assombro e energia, qual se êle próprio a tivera vivido! Se outros romances do mérito de **OS BRILHANTES** e **MARIA RITA**, sagrado êste último, por alguns, sua obra prima, não os compusera o grande escritor, O **PAROARA**, por si só bastaria para assegurar-lhe o renome de romancista entre os que, no Brasil, se têm afirmado as maiores expressões de arte nesse gênero literário. Conquanto julgue êsse livro um grande e belo romance, continuo ainda a considerar sua obra capital, pela pureza da linguagem, pelo entredo da obra, pelo tom da narrativa, pela originalidade trágica do assunto, pela psicologia mórbida dos tipos que descreve e ampla contextura, essa magistral novela, que é **VIOLAÇÃO**, onde se revela poderosa a sua imaginação e o estilo mais terso e mais perfeito, a qual seria um lindo romance, se como fez Eça de Queiroz na **A CIDADE E AS SERRAS**, a tivesse ampliado. Apreciando-a, disse Fialho de Almeida, — é uma das melhores novelas escritas em língua portuguesa.

Sallenta-se, no regionalismo de Rodolfo Teófilo, a influência predominante de duas correntes literárias distintas, que fizeram a celebridade de Edgar Poe e Zola, duas tendências bem acentuadas que marcam em relêvo as propensões artísticas do romancista cearense — o realismo e o trágico. Há, com efeito, em quase todos os seus romances, no **PAROARA**, na **FOME**, nos **BRILHANTES** e em **VIO-**

LAÇÃO, cenas de uma tragicidade horripilante, que deixam no espírito do leitor um sulco profundo de emoção muitas vezes aterradora. O episódio final de VIOLAÇÃO, por exemplo, passado no cemitério dos coléricos de um lúgubre vilarejo, em que dois covéis, sentenciados da penitenciária da Capital, no silêncio da noite enluarada, entre medas de corpos, jogam aos dados a posse de um corpo de mulher, ainda não deformado pela morte, aquela "triste cena da bruteza humana", a que assiste o herói da novela, atirado para um canto como morto, num profundo sono cataléptico e que tudo vê, tudo ouve, tudo observa na sua rijeza de cadáver, a cuja vontade se não submetem os nervos imobilizados, mesmo escrito em linguagem áspera e violenta, é uma página vibrante, terrível, satânica, impressionante e dolorosa, que toca ao delírio. A pena amestrada, que tantas páginas brilhantes traçara de sadio e puro regionalismo, que apanhara tanta fotografia nítida da natureza do Ceará, sempre a se transformar na alternativa dos contrastes — paisagens marinhas, aquarelas das várzeas, crepúsculos ensanguentados, quadros rústicos dos sertões, o amor arrulhante da cabocla, em cujos lábios arde todo o calor da terra calcinada — embebe-se por vezes em tintas mais vivas, para atingir o realismo, mas um realismo forte, senão cru, a Aluisio de Azavêdo e Zola, o que nos patenteia à sociedade esse soberbo conto, O SUPLÍCIO DA ARANHA, que honra a qualquer escritor.

Embora evidenciada a predileção especial de Rodolfo Teófilo pela paisagem dos campos e o homem que dentro dela se movimenta e sofre e ama, em torno dos quais esboçou o enredo de seus contos, novelas e romances, cumpre-nos salientar que outras províncias literárias explorou, outros temas constituíram seus motivos de arte, em os quais o escritor mantém-se num nível sempre elevado, seguro de suas conclusões, sincero, claro e sóbrio. Assim, é igualmente agradável ler-se o novelista de VIOLAÇÃO ou o romancista de MARIA RITA, o satírico das MEMÓRIAS DE UM ENGROSSADOR, ou o idealista do REINO DE KIATO, o historiador da LIBERTAÇÃO DO CEARÁ e SEDIÇÃO DO JUAZEIRO ou o cronista da COBERTA DE TACOS e CENAS E TIPOS, o naturalista das CIÊNCIAS NATURAIS EM CONTOS ou o polígrafo operoso cuja obra constitui um rico patrimônio das letras cearenses.

\*

\* \*

Diante do que temos expandido sobre Rodolfo Teófilo, estudando-o através de sua dupla vida de homem social e de escritor e em harmonia com este meio dentro do qual atuou, resta-nos consignar aqui as seguintes considerações que os fatos nos sugerem:

Não só a literatura reflete a vida de um povo, em todas as suas variantes, mas, também, o próprio meio existencial em que esse povo desenvolveu a sua cultura e civilização.

A obra de Rodolfo Teófilo fotografa, assim, o lado moral e psíquico da nossa gente, como a natureza física.

A odisséia da nossa raça, com tôdas as suas lutas torturantes, com tôda a sua opulência de sentimentos altruísticos e, por vêzes, chela de mesquinhos gestos e egoísmo inaudito, talvez por uma visão do subconsciente, atendendo aos motivos regionais, ao lado da grandeza dalma e expansão de alegria nos dias fartos, tudo em sincronia com o melo físico, inconstante e ingrato que se excede, de onde em onde, na trágica fatalidade climática ou na abastança exorbitante de todo o gênero, misérias e grandezas que se revezam e se alternam nesta expressão geográfica, em que tudo volta ao pó ou do pó ressurge vigoroso como a Fênix mitológica, palpita, toma corpo, sangra, chora, soluça e geme e canta e sorri, na alma sonora do escritor patricio, tão emotiva quão excelente. Rodolfo Teófilo retraçou na amplitude da sua obra, não fugaces e esmaecidos esboços, mas, sim, o vasto panorama da nossa miséria integral nas épocas de fome e calamidade pública e também a elevação dos nossos surtos de coração e de idéias, nos dias prósperos, tudo iluminado pela energia da nossa inteligência tão ativa e vigorosa como êste sol implacável que nos queima os campos, exaure as fontes ou nos fecunda as sementeiras pelos vastos estendais feracíssimos dos nossos rincões, nos tempos normais, em que a nossa terra cheirosa, rescendendo nas suas juremas em flor, nos balseiros de bamburrais, vizeja exuberante sob as lágrimas das nuvens.

Chorou e cantou as nossas grandes dores e grandes feitos, os dias de esperança e realizações dos nossos heróis. ,

Eis, pois, o homem diante do qual inclino-me em respeitosa homenagem; eis o benemérito com quem o Ceará contralou tacitamente imensa dívida, que cumpre resgatar, estresindo no coração a sua fisionomia moral e plasmando no bronze a sua forma exterior, para admiração dos pósteros.

Eis o homem sôbre cujo túmulo depositamos, com religioso respeito, uma coroa de rosas e imorredoirá saudade.